

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR ATRAVÉS DE ATIVIDADES LUDOPEDAGÓGICAS: UMA ESTRATÉGIA EFICAZ PARA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Lucas Soares de Freitas¹
Nilza Maria Carrijo Lutfala²
Jésica Degrande²
Amanda Pimenta²
Ana Carla Silva²

Orientadora: Prof^a. Ms. Adriana Aparecida Silvestre Gera³

Resumo: O objetivo do presente artigo é discutir os resultados alcançados pelo grupo de estagiários do 4º ano de Psicologia do Uni-FACEF durante a realização da intervenção proposta por estes no estágio de Psicologia Escolar em três classes de terceiro ano de uma escola municipal da periferia da cidade de Franca-SP. Foram realizadas oficinas psicopedagógicas, nas quais se buscou trabalhar com temas como: disciplina, respeito, leitura, escrita, criatividade, dentre outros. Os resultados apontaram que trabalhar de forma lúdica, permeada por afetividade, é uma estratégia eficaz para o processo ensino-aprendizagem de crianças nas séries iniciais.

Palavras-chave: criatividade, escola, afeto, atividades lúdicas e educação.

Introdução

Conscientes de que a escola é um espaço onde as crianças e adolescentes vivem grande parte do seu dia e onde acontecem muitas interações que contribuem para o desenvolvimento pessoal e social, os estagiários do Curso de Psicologia do Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca, buscaram aprofundar seus conhecimentos e colocá-los em prática, elaborando um projeto para beneficiar e proporcionar uma melhor qualidade na aprendizagem, bem como o desenvolvimento psicológico e social dos alunos e professores.

Segundo Meira (apud TANAMACHI, PROENÇA E ROCHA, 2000), a Psicologia Educacional constituiu-se como uma área de conhecimentos que se propunha a estudar questões importantes que interessavam à educação escolar, e só na década de 40 tornou-se uma prática profissional, surgindo assim o psicólogo escolar, cuja função seria a de solucionar problemas escolares.

Pela maneira como foi se desenvolvendo esta área da psicologia, como cita Durante e Campos (apud NEVES et al., 2002), a opinião dos professores e dos demais profissionais que atuam dentro da instituição sobre o psicólogo escolar é ainda a de que este deve auxiliar na resolução de problemas escolares e na elaboração do processo educacional

¹ Autor: aluno do 8ª Semestre do Curso de Psicologia do Uni-FACEF - Centro Universitário de Franca. Contato: lucasminim@yahoo.com.br

² Co-autores: alunas do 8ª Semestre do Curso de Psicologia do Uni-FACEF - Centro Universitário de Franca

³ Professora mestre, docente do Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca. Contato: adrianagera@netsite.com.br

e, em virtude desta concepção, costumam apresentar restrições quanto à atuação do psicólogo.

Segundo Del Prette e Gomes (apud NEVES et al., 2002) dentre as funções do psicólogo escolar estão: a assessoria na elaboração, implementação e avaliação de projetos pedagógicos coerentes com os vários segmentos da escola; a avaliação dos alunos em consonância com este projeto pedagógico; a análise e a intervenção relacionadas às interações em sala de aula, visando melhor aproveitamento das oportunidades educativas; o desenvolvimento de programas junto aos pais, com orientação sobre promoção de condições de aprendizagem; o diagnóstico e encaminhamento de problemas relativos a queixas escolares, entre outras.

Entende-se então que o papel do psicólogo escolar implicaria em lidar com a subjetividade e as relações interpessoais no âmbito da escola e em proporcionar aos docentes e demais profissionais da Educação uma reflexão sobre sua prática educativa.

Hoje se vê os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais que está diretamente ligado, conforme Hubner (2004), à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever. Nos parâmetros, está destacado que esta dificuldade se apresenta nas primeiras séries e, conseqüentemente, quando as crianças não conseguem uma boa alfabetização pode resultar em repetência no final do ciclo.

Partindo do pressuposto de que ler e escrever constitui habilidades básicas não apenas para a aprendizagem escolar, mas, principalmente, para a vida fora da escola, Hubner (2004), considera que a aprendizagem da leitura e da escrita envolve interações entre dois elementos principais: o objeto a ser conhecido (idioma escrito) e o sujeito da aprendizagem (aluno). A autora enfatiza também que parte do aprendizado se dará na escola, onde a figura do professor, os recursos e estratégias de ensino utilizado, passam a constituir um terceiro elemento. Outra parcela deste conhecimento ocorre informalmente, isto é, de modo não planejado, então para que o professor atue como agente de mudança é necessário que ele reflita sobre sua atuação em função da realidade e do momento educacional que se está vivendo. Cabe a ele também adequar sua ação à realidade do aluno, procurando oferecer à criança condições que permitam acompanhá-la no seu próprio ritmo de aprendizagem e desta forma tornar mais efetivo o processo educativo.

Segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber e do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles. Ele explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento: o potencial e o real), um espaço dinâmico entre os problemas que uma criança pode resolver sozinha (nível de desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial).

Como uma ferramenta importante para o bom desempenho do professor enquanto educador, a maneira lúdica de se ensinar é considerada bastante eficaz na aquisição de conhecimentos pela criança e principalmente para a sua interação com o universo adulto. É importante também para o desenvolvimento sensório-motor e cognitivo, tornando-se uma forma inconsciente de se aprender, porém prazerosa e eficiente (Carneiro, 2009). Na brincadeira, as crianças aprendem a refletir e experimentam situações novas e, ao lidar com os objetos existentes na brincadeira e nos jogos, elas podem lidar com o significado das palavras por meio do próprio objeto concreto, e por esta ação de brincar, as

crianças, embora não possuam linguagem gramatical, conseguem internalizar a definição funcional de objetos e, assim, passam a relacionar as palavras com algo concreto.

O ato de brincar estimula o uso da memória que ao entrar em ação se amplia e organiza o material a ser lembrado, estando tudo isto relacionado com o aparecimento gradativo dos processos da linguagem. O brinquedo contribui também para desinibir a criança, pois a estimula mentalmente. Estas palavras confirmam o que muitas professoras das primeiras séries comprovam diariamente, ou seja, a criança só se mostra por inteira através das brincadeiras.

Ao brincar, as crianças imitam situações conhecidas e, através de processos imaginativos, elas mesmas estruturam regras, e como benefício didático, as brincadeiras transformam conteúdos maçantes em atividades interessantes. Aqui uma questão importante a se pensar é a disciplina, pois nota-se que, quando há interesse pelo que está sendo apresentado, a disciplina ocorre automaticamente.

Carneiro (2009) enfatiza também que a criança é capaz de criar justamente nos encontros que estabelece com outras crianças, encontros esses mediatizados pelas possibilidades e limites das relações sociais em cada momento histórico.

Um fator também fundamental para o bom aprendizado dos alunos é a vivência de um ensino permeado pela afetividade que significa o fortalecimento de um processo de conquista para despertar o interesse do aluno, objetivando a concretização do processo didático (VEIGA, 2006). O aluno irá, com certeza, ter um maior interesse pelo conteúdo quando esse ensino é permeado pela afetividade. O autor também orienta que, para o professor desempenhar sua ação de ensinar de forma satisfatória, o vínculo afetivo é imprescindível para tornar a sala de aula um ambiente mais humanizado.

Segundo Kail (2004), existem algumas influências sobre o desempenho do aluno que se devem à escola e outras que se devem a participação dos pais. Se o clima na escola é seguro e incentivador, os alunos sabem que podem devotar sua energia ao aprendizado e sabem também que a instituição escolar quer realmente o seu sucesso. Por outro lado, é bastante positiva a participação dos pais por meio de organizações formais, como associações de pais e mestres, ou algo informal, como os pais passarem algum tempo revendo as provas ou orientando a criança na tarefa de casa. Tal envolvimento sinaliza tanto aos professores quanto aos alunos que os pais estão interessados no sucesso dos alunos.

Como parte da realidade escolar, também existem os casos de inclusão que, como aponta Mantoan (2006), ao se falar neste assunto, surge sempre a idéia de inserção de algo ou alguém novo ou diferente a um processo em andamento. Portanto, para que a escola seja realmente inclusiva, é preciso que esteja aberta a diversidade e que seja feita uma nova formação e um aperfeiçoamento de professores para que tenham algumas estratégias, inserindo estas crianças em seu trabalho diário, para que assim os alunos sejam beneficiados com uma maior concentração, onde aprenderão melhor.

Diante do que foi exposto acima, a proposta de intervenção teve como objetivos: ilustrar a atuação e as dificuldades encontradas pelos estagiários dentro de uma instituição escolar, promover a interação entre a universidade e a comunidade local, conhecendo-a melhor e oportunizando a integração de conteúdos e experiências realizadas nas etapas anteriores do curso, como também proporcionar a formação de profissionais reflexivos, produtores de conhecimento, capazes de elaborar um plano de ação com justificativa e objetivos claros, além de competência técnica para a escolha adequada dos instrumentos de intervenção.

Sabendo que o estado de saúde de uma pessoa está diretamente relacionado à capacidade que ela tem de ter objetivos, aspirações ou anseios, de manter equilíbrio emocional, de desenvolver auto-aceitação, de manter vínculos afetivos, de sentir-se produtivo, assim como nos ensina Silva (2002), então se pode dizer que o elemento motivador para que esta proposta de intervenção fosse realizada foi o desejo de promover saúde no ambiente escolar, estimulando a criatividade dos alunos e levando-os a consciência de que são capazes de serem seres criadores.

Método

1. Aspectos Éticos

De acordo com a resolução número 6.494/77, regulamentada pelo Decreto número 87.497/82, foi firmado um termo de compromisso com a instituição escolar, visando o comprometimento de ambas as partes na realização do estágio oferecido pelo Centro Universitário de Franca.

2. Participantes

Foram participantes deste projeto de intervenção alunos de três salas de terceiro ano e suas respectivas professoras de uma escola municipal de ensino fundamental, situada em um bairro periférico da cidade de Franca-SP.

3. Material

Para que os objetivos propostos fossem alcançados com maior eficácia, os estagiários utilizaram inúmeros materiais, os quais ajudaram a fazer com que os alunos se interessassem e participassem das atividades propostas. Em geral, os materiais utilizados nas oficinas foram: recortes de figuras de revistas, papel craft, cola, figuras de personagens da turma da Mônica; gibi e DVD da turma da Mônica, uma caixa de histórias contendo inúmeros objetos e bichinhos de pelúcia, lápis de cor, lápis preto e borracha, folha de sulfite, envelopes, cartolina; fantasias para teatro.

4. Coleta de Dados

Reconhecendo a importância de um trabalho que crie mecanismos para que os alunos e professores enfrentem a fase inicial de aprendizagem de maneira satisfatória, os estagiários realizaram oficinas psicopedagógicas, nas quais foram trabalhados temas como: disciplina, com o intuito de refletir sobre os espaços adequados para determinadas tarefas e os momentos propícios para estas; respeito entre os alunos; leitura, buscando despertar nos alunos o interesse por esta; escrita, trabalhada através da aprendizagem mediada; gosto pela matemática, buscando materializar o ensino e aproximá-lo da realidade dos alunos; e buscando propiciar, através das atividades desenvolvidas pelas crianças, uma maior participação da família nas tarefas escolares. Considerando-se a importância de se promover um ambiente propício ao desenvolvimento da criatividade, as oficinas foram

realizadas de maneira que os alunos pudessem criar, atuar e interagir entre si, com os estagiários e suas professoras.

No último encontro, os estagiários juntamente com a supervisora do estágio organizaram uma festa de despedida com as três classes, estando presentes as respectivas professoras, a coordenadora e a diretora da escola, o que possibilitou uma maior interação entre todos.

5. Análise dos Dados

Depois das intervenções realizadas, foi realizada uma análise de conteúdo dos dados coletados através das oficinas, segundo os modelos propostos por Minayo (1996) e Bardin (1995). Os temas abordados pelos estagiários foram organizados em categorias. Em seguida, elaborou-se a discussão, relacionando os dados analisados com a literatura especializada na área.

6. Discussão dos Resultados

6.1 O trabalho do psicólogo dentro da instituição

Teoricamente, muitos estudiosos relatam que ainda existe, por parte dos agentes escolares, a visão da atuação clínica do psicólogo escolar, ou seja, a visão de que este profissional irá trabalhar apenas com os “alunos problemas” (DURANTE e CAMPOS apud NEVES et al., 2002). Este fato foi comprovado durante a realização das oficinas psicopedagógicas através de situações vivenciadas pelos estagiários. No primeiro dia de visita, os membros diretivos da escola, ao apresentar as salas de aula aos estagiários, enfatizaram que havia um alto índice de problemas de aprendizagem a serem resolvidos por estes. Percebeu-se que, por parte destes agentes escolares, a expectativa de que os estagiários estariam na instituição somente como solucionadores de problemas.

Outro fato que denotou tal visão distorcida sobre o papel do psicólogo escolar, foi a solicitação, por parte de uma das professoras, que os estagiários trabalhassem, prioritariamente, com os alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem e disciplina separadamente da rotina da sala de aula, solicitação esta que não foi atendida, uma vez que foco do estágio era trabalhar com todos os alunos dentro do mesmo contexto.

Conforme Del Prette e Gomes (apud NEVES et al., 2002) apontam uma das funções do psicólogo escolar é a análise e a intervenção relacionadas às interações em sala de aula, visando melhor aproveitamento das oportunidades educativas. Este trabalho, com certeza, é mais eficaz quando realizado em parceria com os outros agentes escolares, pois, percebeu-se que na escola em questão, alguns professores deram continuidade às oficinas realizadas em sala de aula, o que favoreceu o aprendizado das crianças na sala de aula.

6.2 Afetividade e aprendizado

Os estagiários perceberam que o tratamento mais afetuoso contribuiu para uma boa realização das atividades propostas em sala de aula e, de maneira geral, também contribuiu para um melhor controle da disciplina da sala, com exceção de casos isolados como o de crianças com hiperatividade, os quais receberam a devida atenção.

Notou-se que nem todas as professoras conseguem estabelecer vínculos afetivos com as crianças e algumas demonstram comportamentos exagerados como o de gritar com seus alunos para que fiquem quietos.

Por outro lado, percebeu-se que à medida que as semanas passavam e os estagiários realizavam suas intervenções na presença das professoras, estes comportamentos foram se modificando. Isto talvez por perceberem as estratégias utilizadas pelos estudantes de psicologia que procuravam não se exaltar ao chamar a atenção, tentando atender a todos os alunos.

Uma prova desta relação de afetividade construída entre os estagiários e os alunos foi o fato de que estes não queriam que as atividades fossem encerradas, como citado por Veiga (2006), houve o fortalecimento de um processo de conquista despertando o interesse dos alunos e, assim, resultando na concretização do processo didático.

6.3 O ensino realizado de maneira lúdica

Um dos cuidados tomados, pelos estagiários juntamente com a supervisora no que se refere às oficinas, foi a elaboração de atividades lúdicas para que houvesse um maior interesse dos alunos. E tais oficinas mostraram resultados que surpreenderam os próprios estudantes de psicologia e também as professoras dos terceiros anos, pois se percebeu o envolvimento das crianças durante as atividades, principalmente quanto aos conteúdos de matemática, tão indesejados pela maioria dos alunos, mas que, ensinados a partir de jogos lúdicos, tornaram-se atividades mais prazerosas e interessantes. O que revelou a eficácia desta maneira de se trabalhar foi o fato de uma das professoras ter solicitado o material utilizado em uma das oficinas, onde foi trabalhada a escrita e a criatividade, para que ela pudesse utilizar o mesmo em sala de aula.

Carneiro (2009) ressalta que na brincadeira as crianças aprendem a refletir e experimentam situações novas e, ao lidarem com os objetos existentes na brincadeira e nos jogos, as crianças podem lidar com o significado das palavras por meio do próprio objeto concreto, e por esta ação de brincar, elas, embora não possuam linguagem gramatical, conseguem internalizar a definição funcional de objetos. Da mesma forma os estagiários comprovaram que o ensino de maneira lúdica estimula as crianças a relacionarem as palavras com algo concreto.

6.4 Dificuldades de aprendizagem

Constataram-se, nas três salas trabalhadas, dificuldades em relação à aprendizagem. Durante as oficinas, os estagiários verificaram que há muitas crianças que ainda não foram totalmente alfabetizadas e também não conseguem identificar os números, atividades estas que deveriam fazer parte do atual estágio de aprendizagem em que se encontram.

Ao término de uma das atividades realizadas pelos estagiários, uma das professoras relatou que, em sua sala, possuíam somente sete alunos no nível esperado para o terceiro ano, também disse não sabia o que fazer com as outras crianças que não possuíam o mesmo nível de desenvolvimento.

Assim como Hubner (2004), que acredita que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever, os estagiários puderam confirmar esta hipótese a partir de suas

vivências em sala de aula. O autor também atribui esta dificuldade ao fato destas crianças não conseguirem uma boa alfabetização e resultar em repetência no final do ciclo, fato este que levou os estagiários a entender que a educação de base é fundamental no processo de aprendizagem, mas que esta não tem sido realizada de maneira eficiente.

6.5 Criatividade enquanto promoção de saúde

A maioria das oficinas propostas buscou estimular a criatividade dos alunos. Na terceira oficina, quando foi pedido que, a partir de bichinhos de pelúcia e outros objetos, as crianças montassem junto com os estagiários uma história, observou-se o quanto é importante que elas criem suas próprias histórias, dêem os nomes que querem aos objetos, sem que haja certo ou errado, deixando que a sua imaginação flua.

A mesma observação foi realizada na quarta oficina, quando elas precisaram criar em duplas suas próprias histórias a partir de quadrinhos da turma da Mônica. Em geral, notou-se uma certa dificuldade em pensar por si mesmas, pois queriam pré-determinar os nomes dos personagens e a seqüência da história. Porém, os estagiários tomaram o cuidado de estimular as crianças a pensarem e criarem os nomes e as seqüências da maneira que preferissem. Posteriormente, os estagiários constataram que suas criações ficaram interessantes, tanto as histórias quanto os desenhos.

Assim, verificou-se que através destas oficinas, elas puderam sentir-se produtivas e, conforme Silva (2002), este fator interfere diretamente no estado de saúde de uma pessoa.

O autor também cita a busca de vínculos afetivos enquanto um trabalho de promoção de saúde realizado pelo psicólogo na instituição. Isto foi percebido nas oficinas onde as crianças trabalhavam em grupos ou em duplas e até mesmo no último encontro quando foi realizada a festa de despedida com as três salas juntas, possibilitando assim a interação entre eles. Vale a pena ressaltar que na oficina realizada em dupla, não foram todas as crianças que conseguiram estabelecer um bom vínculo na realização da atividade, sendo necessária a interferência dos estagiários para que pudessem realizar a tarefa proposta.

6.6 A inclusão na sala de aula

Os estagiários durante as atividades em sala de aula também observaram casos de inclusão, assunto tão discutido no ambiente educacional nestes últimos tempos. Uma das alunas apresentava dificuldade de atenção, ficando dispersa durante as atividades propostas. Outro tinha comportamento hiperativo, não ficando muito tempo sentado em sua carteira, mexendo com os outros colegas. Também havia uma outra criança que apresentava uma dificuldade psicomotora no braço esquerdo.

Estas crianças, apesar de serem bem acolhidas pelo restante da sala, sofriam ainda alguns preconceitos, fato este percebido pelos estagiários em uma das oficinas, quando foi proposto para que formassem duplas e o aluno que sentaria com a menina que apresenta dificuldade de atenção recusou-se trabalhar com ela e, portanto, foi preciso fazer um trio.

A falta de atenção, também atrapalha a aprendizagem do aluno e cabe ao professor a escolha de métodos eficazes para o ensino dessas crianças. Porém, os estagiários notaram que estas professoras não são capacitadas para lidar com esta clientela,

e necessitam de uma formação especial nesta área. Por outro lado, mesmo com formação especializada, um só professor tem grande dificuldade em lidar com salas numerosas e mistas.

Mantoan (2006) aponta que a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais é um direito garantido para todos, portanto nota-se que para uma escola ser considerada inclusiva é necessário abertura às diversidades apresentadas por cada indivíduo e também investimento na especialização de professores.

6.7 Situações que merecem atenção

Por fim, notaram-se alguns casos que merecem uma atenção especial por parte da escola. Estas são crianças que apresentaram comportamentos inadequados frente aos seus processos de desenvolvimento. Um deles é um menino que por duas vezes em oficinas diferentes onde estava presente a questão familiar disse com suas palavras querer “matar” a família, e este mesmo em uma dessas situações fora reprimido pela professora.

Outro caso observado é uma criança, que segundo a professora, tem se envolvido com adolescentes que fazem uso de drogas, e assim, tem apresentado comportamentos “estranhos” para a sua idade, e um destes comportamentos é o fato de levar para a escola um lápis com formato de cigarro e ficar mostrando para seus colegas. Este mesmo, durante a primeira oficina recusou-se a participar, despertando nos estagiários um interesse maior em querer ajudá-lo, que de certa forma surtiu efeitos a partir do momento em que se buscou dar mais atenção a ele.

Um terceiro caso é de menino que, durante a festa de despedida, perguntou a um dos estagiários se estes não trouxeram cerveja, percebendo a fala, o estudante de psicologia perguntou ao mesmo se ele gostava de tomar cerveja, e este respondeu em tom de brincadeira que sim.

Segundo o entendimento dos estagiários, estas crianças podem talvez viver em ambientes familiares que contribuam para que tais atitudes aconteçam, sendo então importante analisar o contexto familiar no qual estão inseridos. Assim como Newcombe (1999), os estagiários acreditam que crianças com melhor desempenho têm pais que são, pelo menos, moderadamente afetuosos e envolvidos com elas.

Considerações finais

O trabalho realizado na referida escola pelos estagiários de psicologia do Centro Universitário de Franca (Uni-FACEF), buscou relacionar teoria e prática, levando à comunidade um trabalho de qualidade que possa talvez vir a fazer com que esta se desenvolva frente à realidade atual. Os estagiários perceberam que a educação é uma área necessitada do olhar do profissional de psicologia.

Fundamentados teoricamente e a partir do olhar profissional da supervisora do estágio, os estudantes de psicologia propuseram algumas recomendações a serem analisadas pelos profissionais da instituição e também pelos futuros estagiários que assumiram a continuidade do estágio no 2º semestre de 2009.

A primeira recomendação tem como foco o olhar sobre a participação familiar na vida escolar de seus filhos, os quais precisam da ajuda de seus pais para um melhor desempenho educacional. Faz-se necessário também um trabalho de intervenção realizado com as mesmas, principalmente por surgirem questões durante as oficinas que

demonstraram a desestruturação familiar, influenciando no desenvolvimento dessas crianças como um todo.

Outra questão recomendada é a busca por um ensino onde esteja presente uma maior afetividade para com os alunos, que apesar de apresentarem suas dificuldades de aprendizagem e, em algumas situações, comportamentos que geram estranheza nos professores, precisam ser respeitados em suas diferenças, e serem olhados enquanto crianças, sem que lhes sejam cobrados comportamentos de adultos. Assim ocorrerá uma maior aprendizagem e estas crianças se sentirão mais acolhidas e, conseqüentemente, apresentarão melhores resultados, não somente a nível educacional, mas também em outras áreas de suas vidas.

É importante também, como já acontece em algumas situações, reforçar o uso da aprendizagem mediada, que favorece um salto do aprendizado da criança, do desenvolvimento real para o desenvolvimento proximal, conforme a teoria de Vygotsky. Além desse resultado positivo, com a aprendizagem mediada pode-se trabalhar com os alunos a capacidade que eles têm de ajudar uns aos outros, tornando-se parceiros no dia a dia.

Também foi discutida pelos estagiários a importância da busca de formação pelos professores para conseguirem lidar com maior facilidade e compreensão com alguns casos especiais, como os de hiperatividade. A sugestão dos estagiários é que estas formações sejam feitas durante a REP que é um momento quando os professores se encontram.

Recomendou-se também que a transmissão do ensino pelos professores aconteça de maneira lúdica, tendo em vista os resultados obtidos pelos estagiários nas várias oficinas realizadas. Além de prenderem a atenção das crianças por um tempo maior, nas oficinas as crianças conseguem entender de uma maneira mais clara o conteúdo passado pelos docentes, que devem cumprir as metas de ensino propostas.

Finalmente, pontuou-se a necessidade de, em algumas situações, usar estratégias diversificadas para o controle do comportamento dos alunos em situações nas quais eles ficam mais agitados como, por exemplo, festinhas, intervalo, etc. Técnicas comportamentais como, por exemplo, a saciação, o Princípio de Premack, ou mesmo, o dar modelos para que as crianças imitem, mostram-se bastante eficazes no controle da indisciplina.

Para que todas estas recomendações aconteçam no contexto escolar, se faz necessária uma maior participação de todos os atores escolares, tais como: a diretora, a coordenadora, psicopedagoga, professores, funcionários, pais e também os estagiários envolvidos.

Por fim concluiu-se que as atividades práticas de estágio contribuem para que os estudantes de psicologia percebam em si a vocação para esta área, pois como explicita Alves (1984), toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança, e esta só é descoberta se executada.

Referências

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 1984. 89p.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1995. 225 p.

CARNEIRO, Roberson Apararecido de Oliveira. *Ludopedagogia*. (online)

Disponível na Internet via:

<http://www.meuartigo.br/brasilecola.com/pedagogia/ludopedagogia.htm>

Acesso em 23 de junho de 2009.

HUBNER, Maria Martha Costa. *Análise do Comportamento para a Educação: Contribuições Recentes*. 1 ed. Santo André: ESETec Editores Associados. 2004. 315 p.

KAIL, Robert V. *A criança*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. *Inclusão Escolar: pontos e contrapontos*. 2 ed. São Paulo: Summus, 2006. 103 p.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: metodologia qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

NEVES, M. M. B. da J; ALMEIDA, S. F. C. de; CHAPERMAN, M. C. L.; BATISTA, B. de P. Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 2-11, jun./ 2002.

NEWCOMBE, N. *Desenvolvimento Infantil: abordagem de Mussen*. 8ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 561 p.

SILVA, R. C. Psicologia social da saúde e a construção de um conceito positivo de saúde. In:_____. *Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania*. São Paulo: Vetor, 2002. Cap. II, p. 27-37.

TANAMACHI, Elenita de Rício, PROENÇA Marilene, ROCHA, Marisa Lopes (orgs.) *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, 207 p.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Lições de Didática*. Campinas: Papirus, 2006. 160 p.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191 p.